

Ao homem atrazado, à pré-  
sa eterna do pensamento ro-  
mântico nada nos prende e  
com ele, de comum, apenas  
temos esta luta esforçada e  
quasi miserável para o sus-  
tento das nossas vidas.

Esperamos ainda ver a pin-  
tura afastar-se da sua escravidão  
ao conceito impossível de  
liberdade absoluta. E' inegável  
que os românticos nos legaram  
convencionalismos extremamente  
nocivos e dos quais o maior talvez seja  
esse que cada individuo possui  
quando, para ostentar a sua  
condição de homem-livre, se  
sente obrigado a manifestar  
discordância para com todos  
os homens.

Esperamos que todos os pin-  
tores se compenem do de-  
sejo ardente de serem *homens  
livres* e não *homens escravos*  
da sua condição de artistas.  
Só o homem pode ser livre ou  
escravo pois a palavra *artista*  
é apenas um qualificativo que  
tanto se pode atribuir a um  
*homem livre* como a um  
*homem escravo*. A pintura que  
se avizinha será a pintura dos  
homens livres.

Ora, somente sob esta condi-  
ção pode um artista compreender  
uma época que, como a nossa,  
se apresenta sob um aspecto  
de colectivismo vencedor. Só a  
ausência do preconceito que  
levanta como intransponível  
barreira as diferenças entre  
os individuos pode levar um  
arquiteto, um pintor e um  
escultor a comungar na  
construção duma grande obra  
de arte útil. E, entretanto,  
isso foi sempre possível e  
hoje mais que nunca se  
apresenta como a solução  
melhor de todos os problemas  
a resolver.

E' ainda somente a ausência  
do preconceito individualista  
que pode levar o pintor ao  
convívio franco com toda a  
colectividade e entrar assim  
na posse dos meios indispensáveis  
ao alargamento dos seus  
processos técnicos.

E' ainda pelo abandono des-  
se preconceito que ele sentirá  
palpitar a vida dos seus dias  
e aceltando a sua autêntica  
condição de homem do povo  
terminará de vez com o conflito  
que separa o artista e o público.

O povo será assim a base e  
o objecto da nossa pintura;  
não o seu fim.

Esboçam-se já as bases duma  
nova estética impregnada de  
humanismo, onde uma obra  
de arte atingirá a sua  
altitude sublime pelo grau de  
beleza-útil que contiver.

Mais que a pintura, a ar-  
quitectura moderna apresenta-  
se já como a realização  
desse ideal. As outras artes  
deverão seguir este caminho.

*Traz o vento do mar tempestades escuras  
e canta ladainhas de inverno nos pinhais:  
faz noite — dia e noite — em tôdas as casas.*

*Passa um gemido pela costa: — tá mar!  
(Só nos peitos rugem marés-cheias de largada,  
só os olhos são barcos a navegar...)*

*E todo o inverno, de cabeça tombada  
como barco inútil varado de mágua,  
fica na praia um pescador enorme:  
— tem um pé na areia e o outro na água  
nas mãos uma sardinha podre  
e nos olhos o sal de todos os mares!...*

MANUEL DA FONSECA.

## GEORGES URBAIN

Meses depois da celebração,  
na *Casa da Química*, do seu  
jubileu científico, na ocasião  
do 40.º aniversário das suas  
primeiras publicações e do 30.º  
aniversário da sua nomeação  
como professor de Química  
Geral para a Faculdade de  
Ciências de Paris, morreu repen-  
tamente, em plena actividade,  
o grande químico francês  
Georges Urbain.

Nascido em 1872, profunda-  
mente influenciado por seu  
pai, excelente químico tam-  
bém, frequentou a *Escola de  
Física e Química*, onde estu-  
dou sob a direcção de Pierre  
Curie e Paul Schützenberger e  
onde teve por colega André  
Deblerne hoje sucessor de Ma-  
ria Curie na Direcção do Ins-  
tituto do Rádio.

Tornou-se conhecido em to-  
do o mundo pela sua contri-  
buição definitiva ao estudo  
das terras raras e foi nomeado,  
em 1907, «membro da *Comissão  
Internacional dos Pésos Atômicos*,  
composta pelos quatro químicos  
mais eminentes do mundo inteiro  
neste domínio, comissão de que  
ele devia em seguida tornar-se e  
conservar-se até à morte Pre-  
sidente».

Entre outras obras, publicou  
uma «Introdução à Espectro-  
química» e uma «Introdução  
à Química dos Complexos»,  
que lhe valeu ser chamado  
para a Universidade de Ma-  
drid, com um magnífico labo-  
ratório posto à sua disposição.

Do «In Memoriam» que Paul  
Langevin lhe dedica em «*La  
Pensée*», e donde são tiradas  
estas notas, destacamos estas  
frases que dão bem ideia do  
Homem que desapareceu:

«Eu queria fazer compre-  
ender aqui a importância desta  
perda para a ciência em  
geral, para o nosso país em  
particular, e a imensa dor da-  
queles que o amavam e o ad-  
miraram pelos seus dons ex-  
cepcionais de coração e de es-  
pírito, pela riqueza e diversi-  
dade das aptidões que o fize-  
ram ao mesmo tempo sábio,  
artista, escritor, por uma ad-  
mirável continuidade de in-  
tenção e de esforço, por um  
feliz equilíbrio entre o espírito  
crítico e o sentido de acção,  
da organização e do trabalho  
colectivo, tôdas as qualidades  
que lhe permitiram, agrupando  
à sua volta um número  
considerável de colaboradores  
e de discípulos, franceses ou  
estrangeiros, realizar com êxi-  
to empresas difíceis em que  
tantos outros tinham sosso-  
brado.»

«Todos estes dons, e a viva-  
cidade de espírito que eles su-  
põem, faziam d'ele um homem  
de alta cultura e de irresistí-  
vel sedução.»

«Os seus alunos, pelos quais  
era cheio de solicitude e de  
bondade, os seus amigos dos  
quais alguns, como eu, o co-  
nheceram e o amavam havia  
mais de cincoenta anos, cho-  
ram-no hoje ao lado de sua  
mulher, de seus filhos e de  
seus netos. Conservarão viva  
a sua recordação e esforçar-  
ão de prolongar a sua obra  
uma das mais belas e das  
mais perfectas que têm sido  
realizadas por um sábio; te-  
rão diante d'elles o exemplo da  
sua vida, uma das mais ple-  
nas e das melhores que um  
homem possa desejar.»

A revista brasileira *No que  
se pensa HOJE*, que se publi-  
ca em S. Paulo, transcreve no  
seu último número o nosso  
eco «Uma Lição de Einstein»  
e o artigo do nosso camarada  
Carlos Relvas: «A Técnica na  
Evolução Social». Por lapso,  
dá como autor Carlos Ribas  
e na nota de proveniência  
traz: (*Sol Nascente*) Lisboa,  
em vez de Porto.

O artigo «A tração dos In-  
telectuais», do nosso camarada  
A. T., foi transcrito na Pá-  
gina Literária do *Mensageiro  
do Ribatejo*.

«O Primeiro de Janeiro» e o  
«Diário de Coimbra» publi-  
caram o sumário do nosso nú-  
mero anterior, fazendo-o  
acompanhar de palavras mul-  
to elogiosas para *Sol Nascente*.

O semanário de Vizeu, *O  
Trabalho*, na sua secção «Pa-  
norama» tem transcrito vários  
trechos da nossa revista, re-  
ferindo-se-lhe frequentemente  
com palavras amigas.

Agradecemos.

## CRITICA

### RECORDAÇÕES DO MINHO ARCAICO—de Abel Salazar

(Continuação da página dez)

tilo soa a falso e serve for-  
çadamente os intuitos do au-  
tor.

Manoela, depois de belas  
páginas em que nos surge um  
espírito feminino abandonado  
em contacto com um melo a  
que não se adapta e o seu  
posterior histerismo, é, no fi-  
nal, prejudicada pela identi-  
ficação erudita e desnecessá-  
ria com as camponesas pinta-  
das por Millet. Aquele fran-  
cês está ali — mais, a dar a  
impressão de que tudo o que  
o precede foi uma prepara-  
ção para aquele rema».

Numa obra que, como esta,  
vive grandemente do estilo, é  
pêna que, por vezes, encon-  
tremos demasiada insistência  
em certas notas e palavras e  
que nem todos os quadros es-  
tejam ao nível geral. E' o ca-  
so de «A espadelada», «Pás-  
coa» e «A bruxa do Sumes».

Nada disto porem obsta a  
que «Recordações do Minho  
Arcaico», dentro dos limites  
demarcados pela sua nature-  
za, seja uma boa obra, dum  
saúdavel regionalismo.

CARLOS RELVAS